

# A guerra *in loco*: o caráter testemunhal da narrativa jornalística na Guerra dos Canudos

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

Vítor de Abreu Corrêa

## Introdução

No final do século XIX, já podendo dispor do telégrafo, *O Estado de S. Paulo* conta com um correspondente na última das quatro campanhas da Guerra dos Canudos (1896-1897). Isso introduz formalmente na imprensa brasileira, como método de trabalho, a presença de um observador no cenário dos acontecimentos de guerra. Entre 7 de agosto a 1º de outubro de 1897, Euclides da Cunha – que estava ali não apenas como repórter, mas como adido do estado-maior do Ministério da Guerra – cobriu 54 dias da contenda enviando ao jornal 32 relatos da guerra, baseados em seu próprio contexto de imersão.

Neste artigo analisamos as características dessa comunicação dando ênfase ao seu caráter testemunhal. Buscamos compreender a dimensão da cobertura *in loco* feita por Euclides da Cunha durante o conflito armado entre o exército da recém-criada República e os rebeldes sertanejos liderados pelo beato Antônio Conselheiro.

## Os três pilares

Os nomes mais conhecidos da correspondência de guerra no Brasil partilham de métodos de produção e estratégias narrativas semelhantes, apesar do longo período de tempo que separa seus trabalhos. Eles reportam a frente de batalha a partir do testemunho *in loco* – em muitos casos, a partir de observação participante<sup>1</sup> – e organizam o texto sob forte carga de subjetividade. São exemplos disso narrativas feitas a partir de registros, nos séculos XIX e XX, sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870), Guerra de Canudos (1896-1897), Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e Guerra do

---

<sup>1</sup> A observação participante é aquela na qual o observador assume um papel na comunidade observada. Esse tipo de observação permite que o observador transite “entre olhares de interioridade e exterioridade no conhecimento dos sujeitos observados, ou mesmo de aspectos de sua vida”. (CAVALCANTI-CUNHA, 2007: 65). No caso de uma guerra, o observador pode estar entre os combatentes de um lado ou de outro. Euclides da Cunha estava ao lado das tropas federais não apenas como repórter de *O Estado de S. Paulo*, mas também como militar. Na verdade, ele já havia abandonado a carreira militar em 1985, mas quando foi para os sertões da Bahia, já reformado, foi nomeado – a pedido de Júlio Mesquita, diretor do *Estadão* – como adido ao estado-maior do ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt. Na introdução que faz ao livro *Diário de uma expedição* (2000), Walnice Nogueira Galvão, organizadora da obra, afirma ter encontrado evidências que o recém-nomeado viajava fardado.

Vietnã (1959-1975) em linhas publicadas, respectivamente, por Alfredo d'Escragnonle-Taunay (Visconde de Taunay), Euclides da Cunha, Rubem Braga e José Hamilton Ribeiro.

Taunay foi colaborador dos periódicos *A Nação* e *A Semana Ilustrada*, mas imortalizou seu relato do conflito com o vizinho Paraguai nos livros *A retirada da Laguna* (1997)<sup>2</sup> e *Diário do Exército* (2002).

Euclides da Cunha foi correspondente em Canudos e suas reportagens – também os telegramas que enviou durante o período que esteve no sertão baiano e as cartas pessoais que escreveu – seriam posteriormente reunidas em *Diário de uma expedição* (2000).<sup>3</sup>

Rubem Braga foi enviado como correspondente de guerra do *Diário Carioca* à Itália, acompanhando os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial. Suas reportagens daquele período, e tudo que escreveu posteriormente sobre o tema, estão publicadas no livro *Crônicas da guerra na Itália* (1996).

José Hamilton Ribeiro esteve no Vietnã pela revista *Realidade*<sup>4</sup>, onde publicou duas reportagens – *Eu estive na guerra* (nº 26, p. 26-42, maio 1968) e *Guerra é assim* (nº 27, p. 76-88, junho 1968) –, mais tarde, reunidas no livro *O gosto da guerra* com mais um relato escrito pelo repórter 30 anos depois, em seu retorno ao país agora em tempos de paz.<sup>5</sup>

É justamente Ribeiro que, sem falar em si próprio, notabiliza o trabalho de Taunay, Euclides da Cunha e Rubem Braga. Reconhecido como “o repórter brasileiro do século” por muitos de seus pares<sup>6</sup>, Ribeiro enxerga qualidades excepcionais em seus antecessores e os classifica como três “pilares monumentais” do jornalismo de guerra:

A qualidade excepcional da correspondência de guerra no Brasil está ancorada em **três pilares monumentais**: Euclides da Cunha (com

---

<sup>2</sup> Sobre a narrativa de Taunay em *A retirada da Laguna*, ver Cavalcanti-Cunha e Corrêa (2011) e Correa (2012a).

<sup>3</sup> Ver Corrêa (2012a; 2012b) sobre a narrativa de guerra feita por Euclides da Cunha na Guerra de Canudos.

<sup>4</sup> *Realidade* era uma revista mensal de grandes reportagens da Editora Abril, que circulou entre 1968 e 1976. Nela, José Hamilton Ribeiro publicou 51 matérias.

<sup>5</sup> Sobre a narrativa de guerra de José Hamilton Ribeiro no Vietnã, ver Cavalcanti-Cunha (2013).

<sup>6</sup> O jornalista Ricardo Kostcho (2006), na apresentação de *O repórter do século*, que reúne as reportagens de Hamilton Ribeiro vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, avalia que o correspondente merece o título de repórter brasileiro dos séculos XX e XXI. Paulo Paniago, professor de Jornalismo da Universidade de Brasília, escreveu que há “exagero” nessa qualificação: “Como qualificar alguém de ‘o melhor’? Quais os critérios para isso? O título [do livro de Ribeiro] é muito mais um tipo de comportamento comercial, resposta talvez da própria mídia, que consegue tratar muitos assuntos – pessoas, grupos de música, tendências literárias, qualquer coisa – como se fosse o ‘mais importante’, ‘o melhor’”. (PANIAGO, 2008: 331)

Canudos), o visconde de Taunay (com a retirada da Laguna) e Rubem Braga (com sua cobertura da Segunda Guerra).

Por falar nisso, se não houvesse Euclides da Cunha no Vaza-Barris, o massacre do Conselheiro e de seus beatos talvez não passasse, hoje, de um episódio militar de rotina, descrito em relatório burocrático e só acessível (acessível?) a erráticos e reduzidos historiadores da caserna.

Sem o jovem primeiro-tenente Taunay na Guerra do Paraguai, quem teria hoje a dimensão dramática e humana desse episódio, que talvez seja o momento de maior vergonha de um Exército, ao ter decidido deixar para trás (entregando-os ao inimigo) os doentes e feridos, de modo a permitir que a coluna pudesse fugir mais depressa?

Rubem Braga como correspondente de guerra é outra coisa, sem o telúrico de Euclides ou a precisão (perfeição?) de Taunay. RB parece que escrevia com uma pena de passarinho. Fazia crônica-poesia, ou sei lá o que isso possa ser. (RIBEIRO, 2003: 18, grifo nosso).

### **O pioneiro da narrativa de guerra**

Dentre ‘os três pilares’, é sobre Euclides da Cunha, que – de acordo com o historiador Nelson Werneck Sodré (1999) – recai o atributo célebre de ‘pioneiro’ da correspondência de guerra em território nacional. No entanto – conforme a pesquisadora Walnice Nogueira Galvão (1974), da Universidade de São Paulo – a iniciativa de o *Estado de S. Paulo* não foi única. Junto com Cunha em Canudos, havia outros enviados especiais que não gozam, nem sequer gozaram à época, de prestígio igual ao dele. Embora tendo igualmente acompanhado de perto o palco da guerra, na maioria dos casos eles foram esquecidos pela história.

O jornalista Olímpio de Sousa Andrade (2003: XLVII-XVLI), destacado estudioso da obra de Euclides da Cunha, acredita que esse protagonismo está ligado à “técnica de lidar com as palavras”, resultando em “correspondências curtas, incisivas, capazes de, numa frase, definir um quadro, um homem, uma situação inteira”.

O destaque de Euclides da Cunha em relação aos demais correspondentes no conflito de Canudos também pode ser explicado por: (i) ser ele um dos poucos que teve, desde cedo, suas reportagens registradas em livro (em 1939, era lançado *Canudos: diário de uma expedição*, organizado por Antônio Simões dos Reis); (ii) ser *O Estado de S. Paulo*, que o enviou à Bahia, o único dentre os periódicos que tiveram correspondentes em Canudos que atualmente ainda se encontra nas bancas; (iii) ser esse jornal ainda hoje um dos mais influentes do País<sup>7</sup>; e (iv) terem os despachos da guerra

---

<sup>7</sup> *O Estado de S. Paulo* tem consistentemente aparecido nas diversas listas que mostram os jornais mais influentes no Brasil. De acordo com a Associação Nacional de Jornais (AJN), o *Estadão* é o quarto jornal de maior circulação no Brasil (COUTINHO, 2013). Dados do Instituto Verificador da Comunicação (IVC) revelaram que, em 2013, ele era o quarto jornal brasileiro mais lido na internet. (NASSIF, 2014)

publicados no *Estadão* servido de base para a confecção do épico *Os Sertões*, marco da literatura e sociologia brasileiras.<sup>8</sup>

### **Cobertura da Guerra de Canudos**

À época da Guerra de Canudos, *O Estado de S. Paulo* era o principal veículo de comunicação no Brasil. Galvão (1974: 15-17) contabiliza o surgimento de 29 periódicos no Rio de Janeiro somente em 1897, ano em que o conflito é inaugurado. Ao longo do século XIX, a pesquisadora contabiliza 2 mil jornais na então capital federal e 700 na Bahia. Ressalta que, embora de “duração efêmera”, até na cidade de Currálinho, próxima de Canudos, “minúscula, desimportante e perdida no sertão”, houve nove jornais na última década daquele século. Porém, jornal do “tipo clássico”, com a motivação de “noticiar, com regularidade”, Galvão anota sete no Rio de Janeiro, três em São Paulo e cinco na Bahia, à época os três mais importantes centros urbanos do País.

É justamente uma parte desses jornais “diários, regulares e permanentes” que deslocou enviados especiais para a cobertura da Guerra de Canudos. Ao todo, oito jornais dos três estados citados publicaram reportagens sobre o combate sertanejo. Entretanto, alguns deles não tinham um correspondente para presenciar a luta *in loco*. Outros jornais contrataram provisoriamente um militar em operação com a finalidade de não ausentarem-se do teatro dos acontecimentos.

Os periódicos cariocas *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *O País* e *Jornal do Brasil* publicaram material de Manuel Benício, Júlio Procópio Favila Nunes, Siqueira de Menezes (combatente e correspondente) e Luís Calvi, respectivamente; os baianos *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*, de Lelis Piedade e um profissional de nome não conhecido; e o paulista *O Estado de S. Paulo*, de Euclides da Cunha. Por último, o também carioca *A Notícia* contou com três repórteres: Cisneiros Cavalcanti, que caiu morto em combate; Manuel de Figueiredo, que regressou doente; e Alfredo Silva.

Tal interesse e cobertura da imprensa brasileira por um acontecimento era inédito até então, como aponta Galvão (1974: 109):

A Guerra de Canudos, se não inaugurou, deve ter intensificado extraordinariamente no Brasil a praxe jornalística de dispor enviados especiais no local dos acontecimentos. Pelo menos quatro jornais

---

<sup>8</sup> Euclides da Cunha começou a escrever *Os Sertões* (1902) em Canudos. Os primeiros trechos dessa que seria sua obra prima foram publicadas sob o título de ‘Excerto de um livro Inédito’, em *O Estado de S. Paulo* em 1898.

importantes – *O Estado de S. Paulo*, a *Gazeta de Notícias*, *A Notícia* e o *Jornal do Comércio*, estes três do Rio – mandaram a Canudos pessoas que se deslocaram de onde viviam, com o fito exclusivo de informar sobre o que se passava.

Contribuiu para o novo cenário o uso do telégrafo, máquina capaz de transmitir mensagens a longa distância. Segundo Sodré (1999: 267), a tecnologia chegou ao Brasil em 1895, dois anos antes da Guerra de Canudos, sendo *A Notícia* o primeiro jornal a utilizar o “serviço telegráfico”. Assim, passou a fazer sentido para a imprensa arcar com os custos para o envio de correspondentes de guerra para a cobertura testemunhal, continuada e simultânea aos desenvolvimentos das lutas. No caso do *Estadão*, seus leitores da cidade de São Paulo passaram a conhecer o que acontecia há mais de 2 mil quilômetros de distância em questão de pouco tempo, algo inimaginável antigamente quando o envio de matérias para a sede dos jornais era vencida por lentos deslocamentos de tração animal ou por longas viagens marítimas ou pluviais. Antes, quando saía a notícia publicada na imprensa corria-se o risco de já ter findado o respectivo conflito armado.

Sodré (1999: 269) atribui ao *Estadão* o papel de empreender a “iniciativa pioneira” de destacar Euclides da Cunha para Canudos. Aquele momento “anunciava novos métodos de imprensa”: em meio à crescente luta política ocasionada pelo alongamento da guerra, o jornal “envia ao teatro dos acontecimentos um correspondente – correspondente de guerra, a rigor – que esclarecerá **o problema**” (grifo nosso). O esclarecimento do problema é associado à possibilidade de um profissional ir até o local do conflito e, *in loco*, escrever notícias sobre o que se passa – notícias estas que uma vez enviadas pelo telégrafo, seriam posteriormente veiculadas pelo jornal, ainda durante o desenrolar da refrega sertaneja. Isso, contudo, não significa que Euclides da Cunha seja o primeiro correspondente brasileiro de guerra, ainda que falte consenso na historiografia da imprensa sobre a identificação de quem seria realmente o precursor.<sup>9</sup>

### **A guerra *in loco***

A cobertura presencial e o caráter testemunhal são duas características intrínsecas ao trabalho de correspondente de guerra, tão bem encontradas na cobertura

---

<sup>9</sup> O próprio Sodré (1999: 205) cita que o jornal *A Semana Ilustrada* “teve como correspondentes na guerra com o Paraguai” três brasileiros: Joaquim José Inácio, futuro visconde Inhaúma; Antônio Luís Von Hoonholtz, futuro barão de Tefé; e Alfredo d’Escagnolle-Taunay, visconde de Taunay. José Hamilton Ribeiro (2005: 102), por sua vez, trata Taunay como “o nosso primeiro e maior correspondente de guerra”. No entanto, Galvão (1974: 113) registra que Manuel Benício, enviado pelo *Jornal do Comércio* para a Guerra de Canudos, atuou como correspondente de guerra do jornal *O Tempo* na Revolta da Armada (1891-1894).

de Euclides da Cunha para *O Estado de S. Paulo*. A correspondência jornalística em um conflito é a “transmissão periódica de notícias de uma guerra feita por repórteres enviados por órgãos de imprensa [ou *freelancers* por eles contratados]” (CAVALCANTI-CUNHA, 2012b: 246), com “o objetivo de verificar *in loco* o desenrolar dos acontecimentos e narrá-los com a propriedade de quem vê as coisas diretamente” (CORRÊA, 2012:142). Portanto, a correspondência de guerra está marcada pela presença do repórter nesse contexto, enviando notícias regulares a um veículo de comunicação.

Quando falamos em testemunho não nos referimos apenas à visão e à audição, identificadas nos trechos da narrativa de Euclides da Cunha (2000: 175 e 191), abaixo:

O arraial não se distingue prontamente, **ao olhar**, como as demais povoações; falta-lhe a alvura das paredes caiadas e telhados encalçados. Tem a cor própria da terra em que se erige, confundindo-se com ela na mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha e, se não existissem as duas grandes igrejas à margem do Vaza-Barris, não seria percebida a três quilômetros de distância. (grifo nosso)

Já não se distinguem os tiros – **ouve-se** um ressoar imenso lembrando o de muitas represas bruscamente abertas. (grifo nosso)

Para reportar a guerra *in loco*, é também necessário aguçar outros sentidos, como o olfato e o paladar.

Na Segunda Guerra, durante o rigoroso inverno europeu de 1944-1945, o repórter Joel Silveira testemunhou os conflitos na *Gotenstellung*, a Linha Gótica – uma série de linhas de defesa nazifascistas que foram construídas passando pela cordilheira dos Apeninos, com o objetivo de retardar os avanços aliados na Campanha da Itália, na qual participaram os soldados da FEB. O correspondente dos *Diários Associados* descreve o cheiro da guerra como “um constante odor de sangue velho e de óleo diesel” – este queimado a fim de provocar neblina artificial para servir de esconderijo para os soldados aliados. (SILVEIRA, 2005: 9)

Na Guerra do Vietnã, ao reportar para a revista *Realidade*, José Hamilton Ribeiro levou ao limite o potencial de testemunha, experimentando o verdadeiro gosto da guerra ao pisar em uma mina terrestre quando acompanhava a Companhia D (Delta), do 8º Batalhão da Divisão da Cavalaria Aeromóvel do Exército dos Estados Unidos, em uma incursão para reconhecimento e ‘limpeza’ de uma aldeia de camponeses, dominada por vietcongues: “Nem bem dei cinco passos, quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça... Senti na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um

punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra. (RIBEIRO, 2003: 25).

A pesquisadora Maria Rodrigues Madalena (2006: 113-4) em estudo sobre as fronteiras entre ficção, história e testemunho, destaca que “os relatos individuais” próprios do testemunho apresentam “*estórias* que são também *histórias*”, “fazendo brilhar o olho humano em meio à impessoalidade dos arquivos”. No caso da correspondência de guerra, o repórter conta o que ocorre na zona de conflito a partir de um ponto de vista particular, aproveitando-se da vivência que teve naquele contexto. Não raro são relatos constituídos em primeira pessoa, que transformam o autor em “arquivo vivo” e aproximam o leitor de um contexto que lhe é completamente “estranho”. A intencionalidade do texto da correspondência de guerra é o testemunho.

Antes de querer apresentar, argumentar, analisar ou emocionar, [o correspondente] quer testemunhar. É condição para sua própria existência testemunhar plenamente o palco da guerra, na retaguarda, no *front*, na sala de imprensa ou onde quer que seja. Tem que ouvir, ver, cheirar, sentir... (CORRÊA, 2012: 58)

### **O testemunho em Canudos**

Afora os 61 telegramas que remeteu e as nove cartas que enviou, Euclides da Cunha publicou 32 reportagens até o fim da Guerra de Canudos. As reportagens foram produzidas a partir de observações *in loco* feitas entre 7 de agosto e 1º de outubro de 1897. Em formato de diário, a correspondência de guerra ressalta o caráter testemunhal de uma narrativa calcada na primeira pessoa e em alto teor de subjetividade.

Antes de presenciar a disputa campal entre o exército e os homens de Antônio Conselheiro, o repórter ficou por dias a espera de seguir viagem: primeiro, na cidade de Salvador; depois, em pequenos vilarejos ao longo do caminho. Em uma delas, o relato lido no *Estadão* expõe as marcas da pressa e da falta de capricho para a elaboração do material, uma constante no ofício de reportar a guerra *in loco*.

Bahia, 15 de agosto [...]

Aguardando ainda, aqui, a próxima partida para os sertões, e sob a sugestão perene dos quadros que tenho exposto, mal releio as linhas que escrevo, longe da tranquilidade de um gabinete de estudo e da inspiração serena dos livros prediletos.

É possível que das notas rápidas, em que os períodos não se alinham corretos, disciplinados e calmamente meditados, ressumbrem exageros; é possível mesmo que os releie mais tarde com surpresa. Mas nessa ocasião estarei com os que agora leem. (da CUNHA, 2000: 87-93)

Quando, enfim, chegou a Canudos, Euclides da Cunha pôde vivenciar a guerra, explorando ao máximo os sentidos para testemunhar tudo o que via, ouvia, cheirava, degustava, tateava. A distância da “zona de combate”, por vezes, limitava-se a escassos

“dois minutos” ou “duzentos metros” de distância, como quando o exército já cantava vitórias ao penetrar na vila de Canudos, mas a resistência seguia renhida. Euclides da Cunha chega a sentir os tiros passarem “sobre a cabeça” e, então, resolve se defender em uma “trincheira”:

Canudos, 1º de outubro [...]

Às dez horas a vitória pairou um minuto sobre as nossas armas, mas desapareceu de pronto. Fora tomada a igreja nova e um cadete do 7º cravara, audaciosamente, no alto da parede destruída do templo, a bandeira nacional.

As cornetas tocaram a marcha batida e um viva à República imenso e retumbante saiu de milhares de peitos. [...]

Na larga praça das igrejas fervilhavam soldados, atumultuadamente, andando em todas as direções, trocando saudações entusiásticas.

Era a vitória, por certo.

Eu estava a cerca de duzentos metros apenas da praça no quartel-general do general Barbosa. Desci rapidamente a encosta e entrei na zona do combate. Não gastei dois minutos na travessia. Ao chegar, porém, ouvi, surpreendido, sobre a cabeça, o sibilar incômodo das balas.

Tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha continuava mais acesa e mortífera se é possível.

Abeirei-me de uma trincheira. (DA CUNHA, 2000: 213-4)

À época, Euclides da Cunha era um ‘arquivo vivo’ da história de Canudos e transmitiu relatos individuais que restavam irrefutáveis diante de alguém que esteve lá, em um momento decisivo. Ele presenciou a derrota de Antônio Conselheiro empreendida pela 5ª Expedição, chefiada diretamente pelo então ministro da Guerra do presidente Prudente de Moraes. Ele viu e escreveu sobre o que viu em *O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, refletiu sobre tudo aquilo e fez *Os sertões*.

### **Uma verdade maior**

Ao lado de Euclides da Cunha, estiveram outros correspondentes em cobertura *in loco* da Guerra de Canudos. Por exemplo, Manuel Benício do *Jornal do Comércio*, que já tinha experiência em conflitos armados, tendo, em 1893, como repórter de *O Tempo*, acompanhado a Revolta da Armada (1893-1894), no Rio de Janeiro. Após a sua saída do sertão baiano, Benício editou em livro suas percepções do pós-guerra em *O rei dos jagunços* (1899) e publicou na imprensa oito reportagens, entre 3 e 19 de agosto de 1897.

A pesquisadora Sílvia Maria Azevedo (2012:84), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), apontou dois motivos para a saída de Benício antes da rendição de Canudos, que viria a acontecer somente no início de outubro daquele ano:

A primeira é que, por estar doente e cansado, Manuel Benício decidiu abandonar a cobertura da guerra, se não quisesse ter o mesmo fim do alferes Cavalcanti, correspondente do jornal *A Notícia*, que morrera no combate de 14 de julho, logo no início da campanha da 4ª Expedição. A outra razão talvez tenha sido a mais decisiva: o repórter foi obrigado a

sair de Canudos em função das críticas violentas à má atuação dos comandantes do Exército, particularmente ao general Artur Oscar.

Azevedo (2012: 88) vê a correspondência de guerra de Benício formada de “textos toscos”, recheada de “notas secas, quase telegráficas”. A sua preocupação era “descrever tão-somente o que via e privando da proximidade com os altos comandantes do Exército”, relação que Euclides da Cunha nutria. Ambos, Euclides e Benício, no decorrer da cobertura, reconheceram méritos no homem sertanejo e o descrevem fartamente. “Têm a secura corporal das múmias e a sensibilidade semi-amadorrada em uma dormência de pele de anta”, anotou Manuel Benício (*apud* GALVÃO, 1977: 301). Em outra passagem, destaca:

Criados nestes sertões estéreis a talo de macambira, miolo de coroa-de-frade, a batida e umbu, frutas de caatinga, mel, e nos tempos de seca a beber água das tabocas, bambus e gravatás tornam-se monteses como os marajás, ágeis, lépidos e velozes como tejus. [...]

Conhecem todas as bibocas, todas as veredas das caças e criações, os altos, as planícies, as moitas, os descampados, os antros e as cristas penhascosas das serranias, onde os bodes fazem ginástica e os urubustinga animam os filhos brancos. [...]

Têm o faro dos tatus, a vista das acuãs e o ouvido sempre alerta, semelhantes aos habitantes primitivos dos sertões florestais.

Diferentemente de Benício, Euclides da Cunha não estava na Guerra de Canudos devido à experiência anterior como correspondente de guerra e, sim, em função da “técnica de lidar com as palavras” – conforme analisou Olímpio de Sousa Andrade (2003: XLVII-XVLI). Entre outras razões, a principal diferença entre os escritos do repórter do *Estadão* e de seus contemporâneos está na qualidade literária de sua narrativa, como quando ele descreve o sol se pondo no povo de Conselheiro: “Não se tocam mais sinos nem se entoam rezas em Canudos: à noite não brilha a menor luz – o arraial desaparece silenciosamente na sombra” (da CUNHA, 2000: 142).

Euclides da Cunha mescla a exatidão do jornalismo à estética da ficção. Andrade (2003: LVII-LVIII) afirma que Gilberto Freire avalizou o trabalho do correspondente de guerra como sendo o de um “jornalismo singular”. O estudioso sublinha: “O caso é que, já nas suas reportagens, ele cultivava os atributos do jornalista perfeito e mais: revela-se escritor, na acepção do termo”. No entanto, para Andrade, o mais importante no resultado do trabalho de Euclides da Cunha – que o tornou célebre – foi a sua motivação: a busca pelo entendimento, para além do dia-a-dia da frente de batalha, acerca das razões que levaram militares de diferentes origens e sertanejos dos rincões do Brasil a se oporem em luta cruelíssima em local distante e no momento em que nascia a República.

O repórter do *Estadão* estava atrás de ‘uma verdade maior’ para tudo aquilo. Seguindo a reflexão de Andrade, ele foi o “primeiro a ver tudo”, mesmo sendo um dos últimos correspondentes de guerra a chegar a Canudos. Os demais profissionais da imprensa eram “simples relatores do que acontecia”. Assim, com a capacidade “de poeta e de profeta”, Euclides da Cunha testemunhou, *in loco*, “o que os outros não viam no mais fundo daquela tragédia”:

A causa profunda daquilo tudo é que passava a interessa-lo, e não apenas a causa das batalhas sem decisão. Via-a agora com seus próprios olhos, *no espaço*, vendo a terra e vendo o homem, e a via também *no tempo*, ao referir os três séculos de isolamento geradores do desnível bruto entre o sertão e o litoral. (ANDRADE, 2003: LVI)

Deste modo, o caráter testemunhal de Euclides da Cunha na cobertura da Guerra de Canudos teve a condição de ir além dos sentidos humanos. Baseado nos fatos presenciados *in loco* e no contexto da época, o relato jornalístico alcançou uma perspectiva histórico-social do Brasil. Tudo a um só tempo, escrito no calor dos acontecimentos e exibidos nas páginas de *O Estado de S. Paulo*.

### **Considerações finais**

Embora não tenha sido o único a cobrir as lutas em Canudos, a correspondência de guerra de Euclides da Cunha possui poder comunicacional distinto perante os demais. Ele foi testemunha *in loco* dos acontecimentos e, uma vez observador participante, vivenciou os horrores da guerra. A qualidade narrativa de seus relatores permitiu a criação de cenário único para uma batalha impensável, em local inóspito. A subjetividade transborda do texto. Ainda assim, a cobertura guarda território no campo do jornalismo pela factualidade e verossimilhança, presentes graças ao testemunho.

Uma das características centrais da correspondência de Euclides da Cunha está além das questões estritamente ligadas ao caráter testemunhal. O repórter explora ao máximo os seus sentidos e relata em detalhes os eventos: da longa espera em Salvador até a derrota de Canudos, passando pela descrição da paisagem, do homem e da luta. Incansável, todavia, procura ‘uma verdade maior’ para aquela guerra. Vê as lutas e enxerga a desigualdade social, olha para os sertanejos e tem a certeza do histórico abandono do interior brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Olímpio de Sousa. Introdução. In: da CUNHA, Euclides. Canudos e outros temas. Brasília: Senado Federal, 2003.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Manuel Benício: um correspondente da Guerra de Canudos. *Revista USP* n° 54. São Paulo: USP, junho/agosto de 2002. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/35223/37944>. Acesso em 2 fev. 2012.

CAVALCANTI-CUNHA, Maria Jandyra. Diário com sangue. Ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra. In: LABORDE, Elga P.; Ortiz Alvarez, Maria Luisa. *Dimensão temporal e espacial na linguagem e na cultura latino-americana*. Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 399-413.

\_\_\_\_\_. História com tinta, voz e sangue. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Pereira, F. H; Moura, D. O.; Adghini, Z. L. *Jornalismo e Sociedade*. Teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012, p. 243-261.

\_\_\_\_\_. Literatura e jornalismo na guerra de Agnès. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Universidade de Brasília, 2011, publicado em jan. 2012. Disponível em <[http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/maria\\_jandyra\\_cunha.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/maria_jandyra_cunha.pdf)>, acesso em 2 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. *Procedimentos Metodológicos*. Pesquisa aplicada na área de Português para falantes de outras línguas. Campinas, SP: Pontes, cap. IV, p. 57-85.

CAVALCANTI-CUNHA, Maria Jandyra; CORRÊA, Vitor A. Gêneros em guerra: estudo sobre a narrativa jornalística em conflitos internacionais. *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais (Siget)*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011a. Disponível em [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Jandyra%20Cavalcanti%20Cunha%20\(UnB\)%20e%20Vitor%20de%20Abreu%20Corrêa%20\(UnB.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Jandyra%20Cavalcanti%20Cunha%20(UnB)%20e%20Vitor%20de%20Abreu%20Corrêa%20(UnB.pdf) Acesso 10 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. O lugar de fala de Taunay. Um estudo sobre enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai. *Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades*. Brasília: UnB, 2011b. Disponível em <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1250/2052.pdf>>. Acesso em 2 fev. 2012.

CORRÊA, Vítor de Abreu. *Os diários de Taunay e Euclides da Cunha*. Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil. 2012, 167 p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, orient. M. J. Cavalcanti-Cunha, 2012a.

\_\_\_\_\_. A narrativa da Guerra de Canudos. O diário de Euclides da Cunha. In: MOTA, C. M. L.; MOTTA, Luiz. G.; CAVALCANTI-CUNHA, M. J. *Narrativas Midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012b, p. p. 139-157.

COUTINHO, Emílio. Quais são os jornais de maior circulação no Brasil? *Casa dos Focas*, 5 JUL. 2013. Disponível em <http://www.casadosfocas.com.br/quais-sao-os-jornais-de-maior-circulacao-no-brasil/>

da CUNHA, Euclides. *Os sertões*. (Introdução de Walnice Nogueira Galvão). 28ª ed., São Paulo: Ediouro, 1979.

\_\_\_\_\_. *Diário de uma expedição*. (Organização de Walnice Nogueira Galvão). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1974.

KOTSCHO, Ricardo. Apresentação. In: RIBEIRO, José Hamilton. *O repórter do século*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

NASSIF, Luis. Os 10 jornais mais lidos na Internet, segundo o IVC. Coluna 'Luis Nassif Online', *GGN*, 23/03/2014. Disponível em <http://jornalggm.com.br/fora-pauta/os-10-jornais-mais-lidos-na-internet-segundo-o-ivc>

PANIAGO, Paulo. *Um retrato interior*. O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. 2008, 200p. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Comunicação, orient. Luiz Gonzaga Motta e M. J. Cavalcanti-Cunha, Brasília, DF, 2008.

RIBEIRO, José Hamilton. Bom dia, Bagdá. In: DÁVILA, Sérgio e VARELLA, Juca. *Diário de Bagdá: a guerra do Iraque segundo os bombardeados*. Texto (D'ávila) e imagens (Varella). São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

RODRIGUES, Maria Madalena. *Fronteiras da narrativa: ficção, história, testemunho*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade de Brasília, orient. Ana Vicentini de Azevedo, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Diário do Exército: campanha do Paraguai 1869-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.